

“Quando novos personagens entram em cena”, ou dos novos processos constituintes e da inadequação das esquerdas (não apenas) na América Latina

Graziano Mazzocchini

Bacharel e Mestre em Filosofia pela Universidade de Bolonha.

Atualmente doutorando em Filosofia Contemporânea pela UFMG.

Em 1988, no alvorecer do nascimento da Nova República e do pleno desenrolar-se do processo de "redemocratização" no Brasil, o sociólogo neomarxista Eder Sader publicou um livro que poderia ser descrito como "inatural", "*Quando novos personagens entraram em cena. Experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)*". Este ensaio coloca em perspectiva os movimentos e lutas dos metalúrgicos, comunidades eclesíásticas de base, associações de bairro e coletivos de mães no interior da megalópole de São Paulo no exato momento em que o processo constituinte formal no Brasil (1985-1988), embora certamente em parte produzido e atravessado por estes mesmos impulsos, arriscava neutralizá-los em uma arquitetura formal cujo conceito e execução seriam realizados puramente "desde cima"¹. Sader "tenta manter uma brecha aberta para que a produção de autonomia dos movimentos sociais não fosse enclausurada numa ideia institucional de representação política ou por um constitucionalismo de viés abstrato, através do qual a perspectiva autônoma seria tratada como ilusão típica de um momento pré-jurídico ou de transição"².

Inatural, então, porque no exato instante em que o cientista social e militante pode se virar e vislumbrar a virtualidade desses novos movimentos sociais, estes últimos estão mais do que nunca em risco de ser ocultados e incorporados à ordem naturalmente aditiva e indiferenciada do progresso; mas também inatural porque essa mesma virtualidade foi corajosamente colocada contra os diagnósticos "marxistas clássicos" que melhor satisfaziam tanto o código acadêmico do "fator determinante em última instância" quanto um certo "senso comum" da esquerda brasileira da época: segundo o primeiro, o surgimento de tais antagonismos ao longo da década de setenta poderia ser traçado a partir da dinâmica "típica" da contradição entre uma esfera de produção que, até então administrada diretamente pelo plano estatal, já não podia mais parecer capaz de garantir as condições de reprodução da classe trabalhadora, ainda compreendida apenas em sua determinação objetivista (capitalista) enquanto força de trabalho, de modo que era lógico

¹ A. Mendes, *Vertigens de Junho*, Editora Autografia, Rio de Janeiro 2018, p.156-157.

² *Ibid.*, p.157-158.

que essa última lutaria para garantir essas mesmas condições para si mesma³ ; para a segunda, e complementarmente à primeira, as lutas também poderiam ser lidas em termos de reatividade subjetiva, mas apenas em função da crescente brutalidade repressiva de um Estado ditatorial:

Se formos examinar as ideias formuladas sobre as práticas e as condições de existência dos trabalhadores, perceberemos uma significativa diferença entre as representações elaboradas no início da década de 70 e as feitas ao findar da década. Na primeira metade dos anos 70 as classes trabalhadoras foram vistas completamente subjugadas pela lógica do capital e pela dominação de um Estado onipotente. [...] Até mesmo suas estratégias de sobrevivência apareciam funcionais à reprodução capitalista [...]. Essas observações, feitas no campo das ciências sociais – sobre as práticas sociais dos trabalhadores, determinadas ou subsumidas pela lógica do capital e de seu Estado – , correspondem aos registros deixados em depoimento de operários e de militantes⁴.

Mas - e aqui reside a aposta militante de Sader - o fato de que, no nível de sua objetividade, as coisas podem realmente ser assim, ainda não implica nada no nível da subjetivação da classe enquanto sujeito político: mesmo que se fale aqui da reprodução da força de trabalho, isto não toma a forma de uma simples reintegração dos pressupostos determinados pela produção⁵, mas sim inaugura o novo na medida em que, para acontecer, é mediado por um todo simbólico e significativo que em parte já está disponível para a classe na estruturação da ação e do discurso, mas em parte é produzido no exato momento de sua realização, na medida em que certos usos - como nos ensina Michel Foucault em *A Arqueologia do Saber* (1969) - são também sempre reutilizações, rearticulações e, portanto, deslocamentos do conjunto de certas afirmações dentro (e em

³ E. Sader, *Quando novos personagens entraram em cena. Experiências, Falas e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra 1988, p.40.

⁴ Idem, *Ibid.*, p.34-35.

⁵ Em seu comentário (in)atual ao ensaio de Sader, Alexandre Mendes (*ibid.*, p. 159-160) desenvolve plenamente, verificando-o na configuração do capitalismo contemporâneo, uma suposição que poderíamos ao menos vislumbrar no diagnóstico do ensaio de 1988: na medida em que a produção e a reprodução capitalista tendem hoje a se fundir, não é mais apenas nesta última que os movimentos sociais se atualizam como tais - sugerindo, portanto, que as dinâmicas de produção são elas próprias imediatamente políticas, e neste sentido também imediatamente o terreno de subjetivação da classe como sujeito político.

virtude de) movimentos e lutas estratégicas. Em resumo, entre as condições objetivas da reprodução da força de trabalho e as singularidades históricas das configurações sociais e políticas de classe estão os "processos de atribuição de significados" e o "mundo simbólico":

Mais uma vez, ao fazer as características políticas derivarem diretamente de fatores econômicos, o analista opera uma naturalização destes, perdendo a dimensão daquilo que os antropólogos chamaram de "enorme plasticidade do organismo humano": ou seja, a grande gama de respostas possíveis diante de uma mesma solicitação dada. [...] O fato é que, pretendendo explicar movimentos sociais por determinações estruturais, os analistas chegam a impasses insolúveis⁶.

[...]

Uma conclusão extraída da observação desses impasses é que não se pode produzir orientações e comportamentos de "condições objetivas dadas". Tais deduções pressupõem uma noção de "necessidades objetivas" que moveriam os atores sem as mediações simbólicas que as instituem enquanto necessidades sociais. Quem pretende captar a dinâmica dos movimentos sociais explicando-os pelas condições objetivas que os envolvem e poupando-se de uma análise específica de seus imaginários próprios irá perder aquilo que os singulariza⁷.

Das estruturas às experiências, da classe objetivamente entendida como força de trabalho às configurações sociais e à identificação de sujeitos políticos coletivos: este

⁶ Tal síntese magistral da não-linearidade entre o "estímulo" de determinadas circunstâncias econômicas e a "resposta" político-subjetiva faz lembrar estruturalmente a noção de "problematização" do derradeiro Foucault, o qual utiliza esta noção entre 1980 e 1984: como aquela, assim esta, embora certamente não seja um ato de pura arbitrariedade no estabelecimento de uma relação entre um conjunto de circunstâncias problemáticas social e historicamente dadas e uma ou mais soluções que foram realmente trazidas, é, no entanto, pelo menos em parte um processo criativo, precisamente no sentido da não-inferibilidade do último do primeiro, ou seja, de forma a introduzir o novo, o sem precedentes - e assegurar que haja realmente história.

⁷ E. Sader, *Ibid.*, p.41; 42.

movimento empreendido pelo sociólogo brasileiro é configurado ao mesmo tempo como uma contra análise e como uma participação teórica no próprio movimento do devir-classe de certos fragmentos sociais da "Grande São Paulo", pois por sua própria admissão a própria noção de "sujeito" aqui não pode ser pressuposta, mas reconstruída no ato de sua colocação com e nas lutas. Materialismo versus idealismo e uma copesquisa operária pelo menos in nuce - e o fato de que nestas páginas o operaísmo italiano parece espreitar entre as linhas não é de forma alguma apenas uma sensação, dado que em um certo ponto (Idem, *ibid.*, pp.49-50) a distinção entre condições de reprodução e subjetivação simbólica significativa é assimilada àquela entre "composição técnica" e "composição política" de classe, citando expressamente em uma nota de rodapé a Entrevista de 1979 com Antonio Negri sobre operaísmo "do operário massa ao operário social".

Quando Alexandre Mendes⁸, também teórico e militante ao mesmo tempo, com um gesto benjaminiano medita, em seu ensaio *Vertigens de Junho*, sobre as linhas de atualidade do levante brasileiro de Junho de 2013 através das virtualidades trazidas à luz por Sader vinte anos antes, isso nos permite ver como nossas as mesmas possíveis atualidades ainda não totalmente cumpridas: o problema de uma autonomia dos sujeitos sociais e da classe cuja voz é neutralizada quando a tensão produtiva entre a constituição material e formal é resolvida em favor desta última, ou em outras palavras, o problema de uma autonomia que é possível mas não garantida por qualquer teleologia da história - e que, se já foi capaz de se expressar poderosamente durante uma década, agora pode ser reduzida a um apêndice do partido, dos aparelhos burocráticos e governamentais - ainda é nosso problema. Ou seja, ainda é uma questão de entender, por um lado, como novos processos de subjetivação e, portanto, novos sujeitos sociais e políticos influenciaram e estão influenciando novos processos organizacionais, novos coletivos e até mesmo novos (tipos de) partidos; e, por outro lado, como, uma vez esgotado este círculo virtuoso de subjetividades e novas instituições do comum, na medida em que ele ultrapassa e, portanto, cruza e condiciona até mesmo as instituições e aparelhos governamentais e

⁸ A. Mendes, *Vertigens de Junho*, cit., p.158-162.

partidários já constituídos, novos impasses e novas linhas de força e novas possíveis soluções determinadas são estabelecidas - contra e além de qualquer feitiço ou fetichismo de soluções que não podem mais ser reativadas, e que nos jogam no círculo infernal de novos fascismos, por um lado, e o cinismo da esquerda que definitivamente colocou o governo - ou seja, a manutenção de seu poder constituído - antes das lutas, por outro.

É precisamente no espaço do eterno presente que se perpetua indefinidamente entre estes dois polos que a narrativa do progresso como mera adição de avanços "genericamente humanos", que Walter Benjamin já havia definido irrevogavelmente como "insustentável" em suas Teses sobre o Conceito de História de 1940, pode tomar forma nos trópicos: Quando não se compreendem mais os problemas específicos e as soluções específicas que a subjetivação implica, isto é, quando não se exerce a imaginação política com base em novas práticas - e esta foi a grande virtude do Partido dos Trabalhadores, por exemplo, no final dos anos 70 e início dos 80, interceptando justamente aquela nova composição descrita por Sader - então os programas neodesenvolvimentistas se impõem a estas latitudes - programas para os quais para cada problema histórico determinado a resposta será sempre "não progredimos o suficiente". Em um ensaio de 2018, Giuseppe Cocco e Bruno Cava contrastaram esta narrativa com uma análise genealógica destes programas (neo)desenvolvimentistas no Brasil e o gesto, que poderíamos também dizer benjaminiano, do "salto" entre momentos de atualização do mesmo possível, não mais de acordo com uma linearidade de progresso, mas precisamente de acordo com uma constelação, uma relação sagital: "aqui, onde nunca fomos modernos, o pré-moderno salta diretamente para o pós-moderno que sempre fomos"⁹.

Agora, se há uma "aposta" de nossa parte, tanto política como militante, que anima a concepção e organização deste Dossiê sobre o final do ciclo progressista e novos processos de subjetivação e constituintes na América Latina, é talvez que o "prisma"

⁹ G.Cocco - B.Cava, *Enigma do Disforme. Neoliberalismo e biopoder no Brasil global*, Mauad X, Rio de Janeiro 2018, p. 11.

brasileiro descrito acima, exposto através do "caso Sader", possa em suas linhas gerais ser estendido a todo o continente: de fato, se quiséssemos traçar uma grade de leitura que "organicamente" articulasse as várias intervenções aqui incluídas, isso seria precisamente aquela, mais geral, dos curtos-circuitos entre lutas e processos constituintes/instituintes, por um lado, e poder constituído, por outro - entre *potentia* e *potestas*, para citar Spinoza. Ariel Pennisi e Salvador Schavelzon articulam esta grade falando-nos da Argentina, Bolívia e Equador, países nos quais os governos progressistas primeiro enfrentaram o excedente proveniente dos movimentos que os haviam tornado possíveis, depois viram suas estratégias eleitorais e a manutenção do poder diretamente influenciadas por aquelas mesmas subjetividades que claramente não estavam mais dispostas a conceder-lhes confiança incondicional. Ou ainda, quando a vitalidade da subjetividade parou de aspergir a governança progressista, esta última caiu nas distorções estruturais do nacionalismo desenvolvimentista: este é o caso exemplar do conglomerado de engenharia e construção da Odebrecht no Brasil, que Guilherme Bianchi recontextualiza sobre o pano de fundo daquela corrupção endêmica que, por sua vez, ilustra os mecanismos de funcionamento do capitalismo neodesenvolvimentista nos termos de um consórcio público-privado, Estado-mercado.

Mas as generalizações não podem ser estendidas além das generalidades inerentes ao mesmo material histórico e social, portanto, esta grade não é de forma alguma exclusiva, mas é complementada por análises específicas de processos que contribuem para moldar a fisionomia local e global da América Latina: a dinâmica metropolitana das milícias-máfias territoriais e das novas subjetividades sociais, políticas e religiosas, vistas através do caso carioca exposto por Clarissa Naback, consolidada após o fracasso das políticas progressistas e desenvolvimentistas dos Megaeventos; as transmigrações mesoamericanas descritas para nós por Clara Cuevas e René Alberto Aguiluz, que fazem deste continente a interzona por excelência - nunca objetivável de acordo com os parâmetros da noção de "progresso" acima mencionada, essa é antes o espaço das hibridizações, das metabolizações originais e nunca das rejeições totais, em que o capitalismo revela-se por aquilo que ele realmente é: um vampiro.